

EUCARISTIAS De 1 a 8 de junho de 2025

DIA	HORA	LOCAL
Segunda	18h00	Ribeira Seca
Quarta	18h00	Ribeira Seca
Quinta	18h00	Calheta
Sexta	18h00	Calheta
Sábado	18h00	Er.^{da} S.^{to} António
Domingo	10h00	Fajã dos Vimes - Manadas
	10h30	Portal
	11h00	Biscoitos
	11h30	Calheta
	12h00	Ribeira Seca

PENSAMENTO DA SEMANA**A CRIANÇA OCULTA**

As crianças são bocados de Deus e não sabem,
vão saltando na chuva e não se molham,
beijam o ar sem o possuir,
dão prendas sem preço, brincam sozinhas
com bolas celestiais
e estão acompanhadas de toda a presença.
As crianças felizmente desconhecem
que papel lhes darão na comédia
e quando olham vêem-te imediatamente,
vêem-te como és,
sem calcular o que vales ou o que cobras,
se és pedreiro ou arquiteto, governador ou varredor,
se és velho ou adolescente;
pois olham para ti,
não para o cargo que te deram.
As crianças brincam com a tua criança oculta
e só então vives como és.

Pedro Miguel Lamet, sj, in *Saborear e Saber*

ZONA PASTORAL CENTRO

Calheta - Manadas - Ribeira Seca - Biscoitos - Fajã dos Vimes - Portal

Pe. Manuel Santos Teles. 295416484 Telm. 917633096 e-mail: padrema@mail.telepac.pt

Carta Familiar

BOLETIM INTERPAROQUIAL ANO XXIV SERIE II Nº 1207 01.06.2025

CRIANÇA

O Espírito de Deus é como
uma criança...

Mete-se onde não é chama-
do,

toca no intocável,
mexe e remexe...

Nós é que adoramos crescer
e passar a ter tudo controlado,
a vida bem arrumadinha,
os lugares habituais
e os dias viciados...

Então,

vem o Espírito de Deus, como um Sopro,
a pôr tantas coisas em pé de vento...

Ou como uma criança,

a surpreender de novidade as nossas arrumações,

a levantar “porquês” intermináveis às nossas certezas mais anti-

gas,

a trocar a ordem de todas as nossas prateleiras
e a revelar-nos que é sempre possível começar de novo
e fazer coisas novas.

O Espírito de Deus é como uma criança...

Uma fonte inesgotável de energia e um risco contínuo de novida-
de.

Quando nós deixamos,
renova as mentalidades,
renova os corações,
renova as esperanças
e renova as estruturas.

Quando deixarmos de ter tudo tão arrumadinho e certinho,
vamos deixar que o Espírito Santo,
a Infância de Deus,
faça em nós das suas...



Rui Santiago Csr

MEDITAR

O último gesto de Jesus é abençoar

Com a ascensão de Jesus, com o seu corpo ausente, afastado do nosso olhar e do nosso ávido toque, começa a nostalgia do céu. Encarnou no ventre de uma mulher, revelando o profundo desejo de Deus de ser um homem entre os homens e agora, subindo ao céu, carrega consigo o nosso desejo de ser Deus.

A ascensão ao céu não é uma vitória sobre as leis da gravidade. Jesus não foi para longe ou para o alto ou para algum canto remoto do cosmos. Ele "subiu" ao profundo do ser, "desceu" ao íntimo da criação e das criaturas, e por dentro pressiona como uma força ascendente em direção a uma vida mais brilhante. A esta navegação do coração Jesus chama os seus. A mover o coração, não o corpo.

O Mestre sai da terra com um balanço deficitário, um fracasso a julgar pelos números: da multidão que o aclamava, há apenas onze homens assustados e confusos, e um pequeno núcleo de mulheres tenazes e corajosas. Seguiram-no por três anos nas estradas da Palestina, não entendiam muito, mas amavam-no muito, sim, e todos vieram ao último encontro. Agora Jesus pode retornar ao Pai, seguro de que acendeu o amor na terra.

Sabe que nenhum daqueles homens e mulheres O esquecerá. Essa é a única garantia que Ele precisa. E confia o seu Evangelho e o sonho dos novos céus e da nova terra, não à inteligência do primeiro da classe, mas a essa fragilidade amorosa.

Então leva-os para Betânia e, levantando as mãos, abençoou-os. No momento do adeus, Jesus estende os braços sobre os discípulos, reúne-os, abraça-os e depois envia-os. É o seu gesto final, último, definitivo; uma imagem que encerra a história: os braços erguidos numa bênção sem palavras, que desde Betânia vela pelo mundo, suspenso para sempre entre nós e Deus! O mundo rejeitou-O e matou-O e Ele abençoa-o.

Enquanto os abençoava, separou-se deles e foi levado para o céu. Gesto prolongado, contínuo, não precipitado, verbo expresso no imperfeito para indicar uma bênção que nunca termina, infinita; longa bênção que paira sobre o mundo e muito perto de mim: Aquele que abençoa os olhos e as mãos, abençoa o coração e o sorriso, a ternura e a alegria imprevista! Essa alegria que nasce quando se sente que nosso amor não é inútil, mas será recolhido gota a gota, vivo para sempre. Que a nossa luta não é inútil, mas produz o céu sobre a terra.

O nosso Deus migrante ascendeu: não além das nuvens, mas além das formas; não a uma navegação celeste, mas a uma peregrinação do coração: se antes estava com os discípulos, agora estará dentro deles, força ascendente de todo o cosmos para uma vida mais brilhante.

Ermes Ronchi

CANÇÃO DA INFÂNCIA

"Quando a criança era criança andava e balouçava os braços.

Queria que o regato fosse um rio, o rio uma corrente e esta poça o mar.

Quando a criança era criança não sabia que era criança.

Tudo estava cheio de vida, e a vida era uma só vida.

Quando a criança era criança não tinha opiniões sobre nada.

Não tinha vícios.

Sentava-se com as pernas cruzadas e de súbito desatava a correr, tinha um remoinho no cabelo e não fazia caretas quando a fotografavam.

Quando a criança era criança era o tempo destas perguntas:

Porque sou eu e não sou tu?

Porque estou aqui, e não aí?

Quando começou o tempo, e quando acaba o espaço?

A vida debaixo do sol é apenas um sonho?

Isto que eu vejo, ouço e cheiro é apenas uma ilusão ou o mundo de frente do mundo?

O mal existe mesmo, ou são as pessoas que são más?

Como se explica que eu, que sou eu, não existisse antes de existir, e que um dia este que eu sou não seja mais este que sou hoje?

Quando a criança era criança engasgava-se com espinafres, ervilhas, arroz doce e couve-flor e agora come isso tudo e não apenas porque tem de comer.

Quando a criança era criança acordou uma vez numa cama estranha e agora também acorda algumas vezes.

Achava muitas pessoas bonitas e agora acha apenas algumas, poucas.

Tinha uma ideia exata do Paraíso e agora mal o imagina.

Não concebia o nada e agora estremece com a sua ideia.

Quando a criança era criança brincava com entusiasmo e agora fica igualmente excitada mas só quando se trata da sua profissão.

Quando a criança era criança as uvas caíam nas suas mãos como só as uvas ainda caem hoje.

As avelãs faziam-lhe aftas na língua e ainda fazem.

No cimo de cada montanha desejava uma montanha mais alta.

E em cada cidade desejava uma cidade maior. ainda é assim.

Chegava às cerejas no topo das cerejeiras com a mesma exaltação que sente hoje.

Era tímida com os estranhos e ainda é.

Esperava a primeira neve e ainda espera.

Quando a criança era criança atirou um pau a uma árvore como se fosse uma lança e essa lança ainda oscila na árvore agora."

Peter Handke